

ÍNDIOS

País ignora genocídio cultural bororo

Fotos Sérgio Medeiros

A tribo, que o antropólogo Claude Lévi-Strauss definiu há 60 anos como a mais bonita do Brasil, vive em estado de miséria e perde sua identidade no Mato Grosso

SÉRGIO MEDEIROS
Especial para o Estado

Quando visitou o Centro-Oeste, em 1935, o antropólogo Claude Lévi-Strauss considerou os bororos "os maiores e os mais bem feitos índios do Brasil". Hoje, quase 60 anos depois, os bororos são índios baixinhos e de aspecto miserável, confundindo-se facilmente com os caboclos do leste do Mato Grosso, onde há um século vivem sob a tutela de missionários salesianos. Conclusão possível: a sociedade bororo não resistiu ao processo de aculturação e se desintegrou. Logo ela, a mais admirada e estudada de todas as sociedades indígenas sul-americanas.

Porém, não é bem assim: no livro *Jogo de Espelhos* (Edusp, 263 páginas), Sylvia Caiuby Novaes afirma que a sociedade bororo está "extinta" apenas nas páginas dos estudos antropológicos escritos nos anos 60 e 70, quando os autores adotaram uma "visão catastrófica" e decretaram a "decaência iminente" da tribo, o que não se verificou. O livro é um verdadeiro libelo contra a idealização rígida e estanque das sociedades indígenas do Brasil e, particularmente, da sociedade bororo, a mais "maltratada" pelos estudiosos.

"Para as sociedades indígenas", defende a autora, "o grande paradoxo é a necessidade de mudança como única possibilidade de permanecer a mesma."

A fim de verificar *in loco* esse paradoxo, visitei as aldeias Meruri e Garças, ambas estudadas no livro. Quando se chega a Meruri, a impressão que se tem é de que a devastação é irreversível, após um século de catequese católica: as choupanas de palha foram substituídas por casas de alvenaria cobertas de telha e o formato da aldeia é agora o de um povoado caboclo, retangular. É o mais populoso dos aldeamentos bororos, com cerca de 200 moradores, dos quais 60% têm menos de 18 anos.

As crianças não falam mais a língua indígena, mas a compreendem, pois em casa os pais se dirigem a elas em bororo. "A língua bororo é mais difícil do que a língua portuguesa", explica Laércio Santana, 12 anos, que frequenta a escola da missão, onde estudam 120 índios. "Mas é porque perdemos a nossa cultura". Essa opinião sombria é compartilhada por um dos líderes dos bororos, o sábio Canajó, 75 anos, considerado um grande conhecedor das tradições da tribo: "Bororo mesmo acabou, as crianças não sabem mais a nossa língua. Não dizem iógwa e

imuga, mas papai e mamãe."

Contudo, os educadores salesianos acham que a cultura bororo está renascendo. No currículo da escola de Meruri, eles incluíram aulas de mitologia e dança bororo para resgatar antigas tradições. Canajó considera esse renascimento algo artificial: "O padre falou para o bororo enfeitar as crianças, para dançar de novo como antigamente. Mas ninguém quer fazer isso, já esqueceram como é que se passa o urucum na cabeça, como é que se pinta a cara."

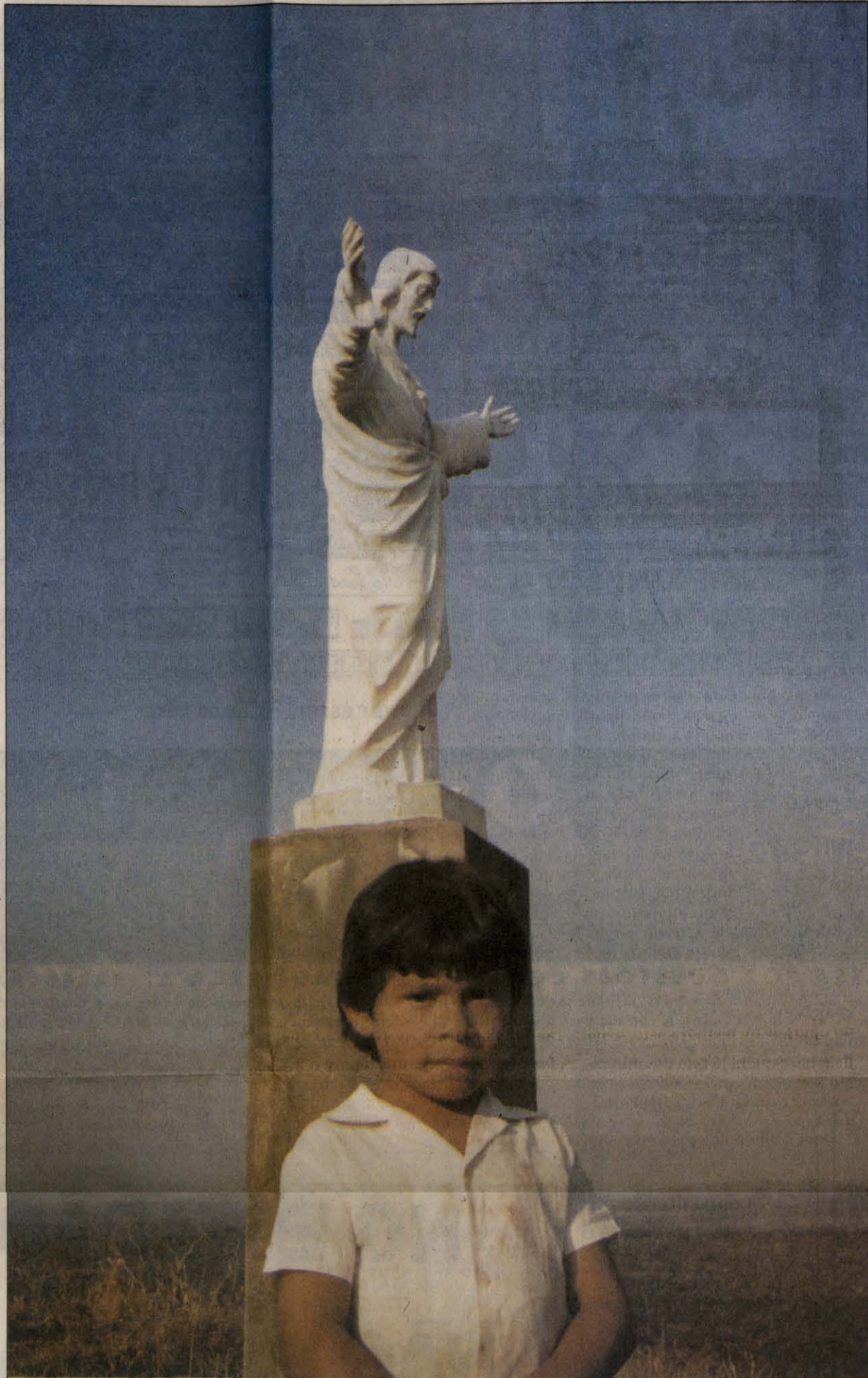
O missionário Mario Bordignon, 46 anos, que há uma década convive com os bororos, discorda de Canajó: "Existe, sim, renascimento cultural. Os jovens de Meruri estão sendo iniciados, após 30 anos de descaso, por essa cerimônia, que tradicionalmente acontece durante os demorados funerais bororos. No passado, a missão salesiana

preservou o povo mas desarticulou a cultura. Hoje, estamos lutando pela autonomia da cultura indígena."

Alertados para o perigo de uma "perspectiva catastrófica", decidi visitar a aldeia de Garças, localizada a 20 quilômetros de Meruri, considerada "tradicional" pelos missionários. De fato, ali vivem cerca de 100 índios em casas de palha, dispostas em círculo, e 100% da população fala a língua bororo. As crianças dominam a língua portuguesa. Falam sem sotaque e com correção.

Por ocasião da visita do *Caderno 2*, um corpo jazia em cova rasa no pátio central da aldeia, a oeste da Casa dos Homens. A cada quatro dias, o corpo é regado com água, para que a carne se desfaça e os ossos possam ser enfeitados com penas e tintas. Esse ritual já foi mostrado em documentários, inclusive num dirigido há muitos anos pelo antropólogo Darcy Ribeiro. Seguindo a tradição, o funeral deverá se estender até o ano que vem, pois o cadáver chegou embalsamado à aldeia (o índio morreu em Goiânia) e está custando a se desfazer: por enquanto, apenas o crânio está limpo, permanecendo o resto do corpo intacto. Na casa de Manoel Kenotuto, 70 anos, dez parikos (cocares) estão depositados enquanto não se realiza o ritual fúnebre. São ornamentos sagrados que serão usados por dançarinos.

Curiosamente, esses parikos — exemplos da fascinante arte plumária dos bororos, exímios artistas na combinação de cores e formas — estão sob a guarda da missão, que os cede aos índios apenas nas ocasiões festivas, para que os mesmos não se danifiquem. Algo constrangido, mestre Mario Bor-



Menino bororo em frente a uma imagem de Cristo: aculturação trouxe decadência para a tribo

dignon explica que o material (penas de arara) está escasso e muito difícil de obter. A missão tem tomado precauções para preservar os parikos existentes, fechando-os numa sala da escola da aldeia de Meruri. Sem dúvida, esse não é o

menor dos paradoxos do renascimento cultural do povo bororo, cuja população atual é de 800 índios (nos anos 70 eram apenas 200), distribuídos em cinco reservas localizadas no Estado do Mato Grosso.

OS COCARES ESTÃO SOB A GUARDA DOS MISSIONÁRIOS, QUE SÓ OS EMPRESTAM AOS ÍNDIOS EM OCASIÕES FESTIVAS

Briga com Xavantes tem meio século

A Reserva Meruri, a 400 quilômetros de Cuiabá, faz fronteira com a Reserva São Marcos, onde vivem milhares de xavantes, inimigos tradicionais dos bororos. Como a caça tem se tornado rara nos últimos tempos, os xavantes invadem Meruri e ateam fogo ao cerrado, para afungentar os animais, como emas e porcos selvagens.

As labaredas crescem de ambos os lados da estrada que conduz à aldeia Garças, dificultando o trânsito de seus moradores. José Alípio, 26 anos, o cacique, declara: "Todos os anos eles tocam fogo nas nossas terras, sabe por quê? São *épa*, nossos inimigos".

Os xavantes vêm a coisa de outra maneira: não estão invadindo o território bororo, visto que as reservas indígenas, na opinião deles, não são propriedade de nenhuma etnia, mas podem ser usufruídas por todas as tribos do Brasil. E convidam os bororos para caçar em nas suas terras, mas estes recusam o convite, que consideram uma ofensa.

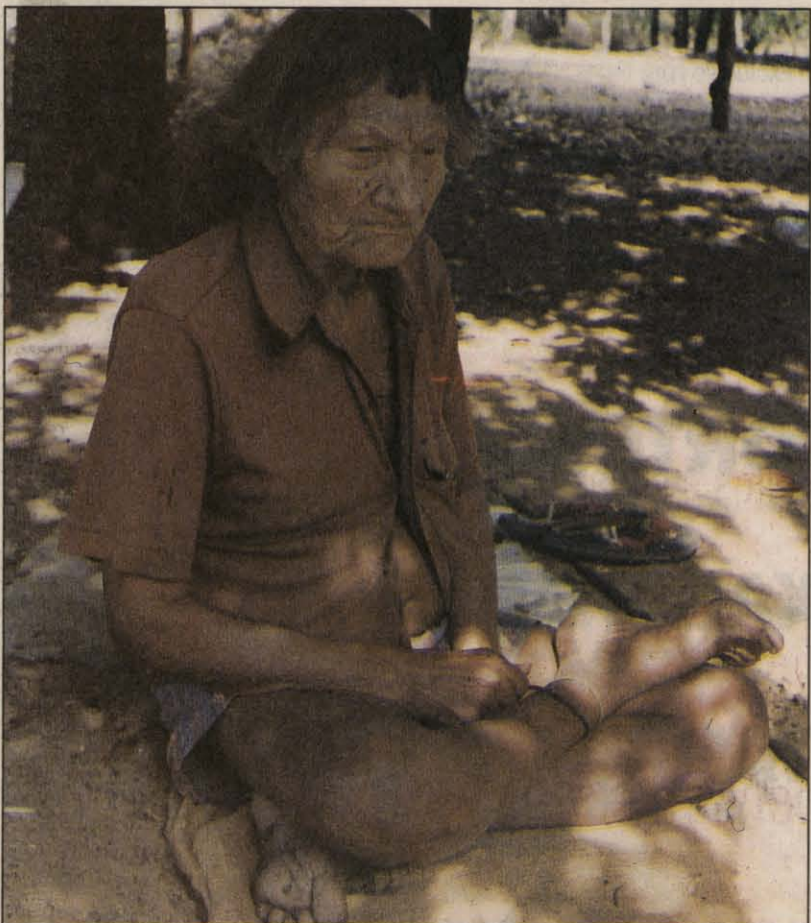
Não adianta queixar-se às autoridades, afirmam os moradores de Garças, pois o chefe do posto da Funai em Meruri é — para humilhação da nação bororo — um índio xavante. O governo, ao fazer tal escolha, ameaça automaticamente a autonomia da cultura bororo. Mas a capacidade de resistência dos bororos é, como mostra Sylvia Caiuby Novaes em *Jogo de Espelhos*, muito maior do que se imagina.

Em Sangradouro, a 270 quilômetros de Cuiabá e atualmente reserva xavante, vivem cerca de 70 bororos, dos quais 40 são crianças. Apenas 30% da população falam a língua indígena. Esses índios não possuem terras e trabalham na fazenda da missão salesiana, produzindo numa roça mecanizada arroz, milho, feijão, mandioca, cana e banana para consumo próprio.

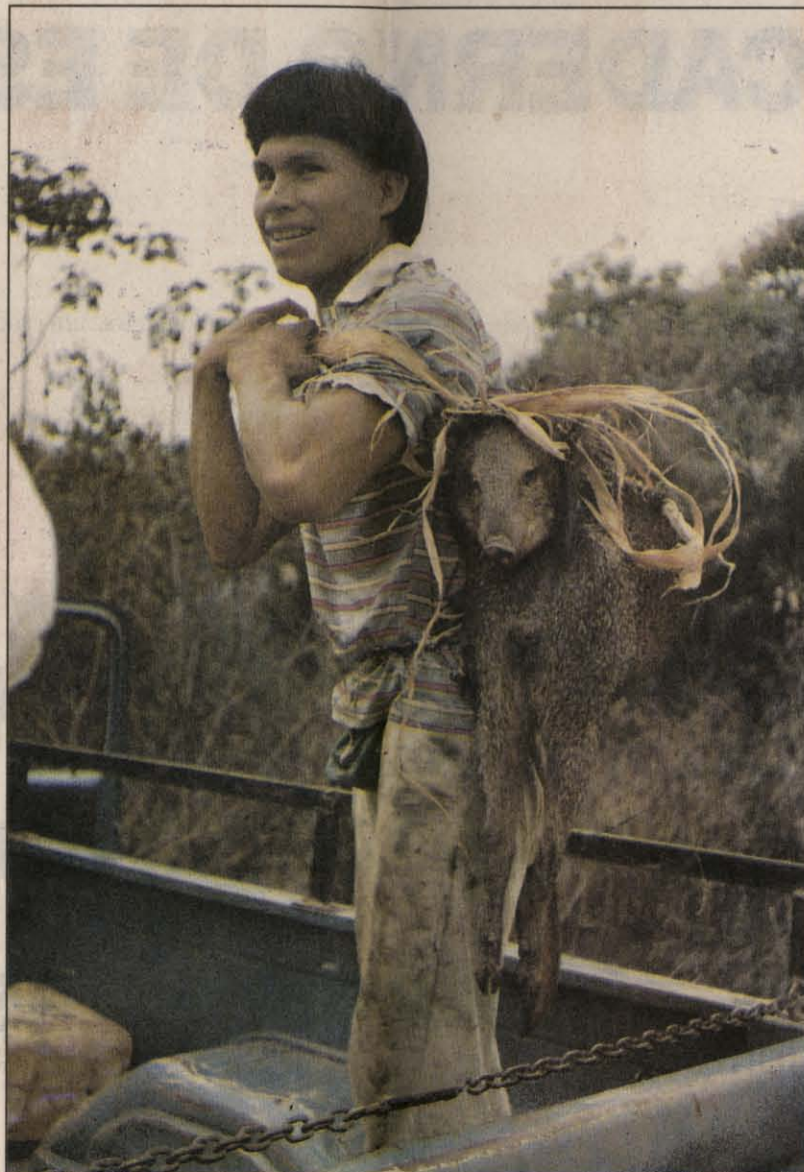
Declaram-se também independentes da Funai e residem em casas de alvenaria que estão em péssimo estado, dispostas ao longo de uma "rua" — seria o melhor exemplo de uma aldeia que se desintegrou durante o processo de aculturação.

Quando se ouve o cacique falar, porém, imediatamente se constata: aquele povoado miserável é talvez o maior foco de resistência bororo. Vivem na aldeia índios que se orgulham de nunca terem abandonado a terra onde nasceram.

Os xavantes chegaram ali nos anos 50, doentes e famintos, mas seu número cresceu rapidamente, afungentando os bororos, que sempre foram os donos dessas terras. João Batista, o cacique bororo de 70 anos, declara: "Xavantes? Já os enfrentei várias vezes na varanda da minha casa. Queriam me matar. Eu os aguardei." (S.M.)



Bari, feiticeiro bororo: ameaçado como os outros da tribo



Xavante caça na reserva Meruri, dos bororos: briga histórica



Cocar usado em festas religiosas e guardado por missionários